



HANS

moa sipriano

m o a s i p r i a n o . c o m

HANS

Moa Sipriano

Primeira Carta

Bom dia!

É uma tarde gostosa e quente de domingo. O céu estampa um azul cintilante, limpo, inesquecível. Uma paisagem que alegra o espírito.

Havia bom tempo eu não me sentia assim, tão sereno e feliz.

O dia está perfeito. Escuto o silêncio.

Uma leve brisa brinca no meu rosto afogueado e às vezes o Vento beija meu corpo tépido. Inspiro lentamente, deixando o ar perfumado purificar meu interior.

Eu não imaginava nenhuma alteração na rotina da última sexta-feira. Até o momento em que você apareceu. Lembro-me que na cozinha, eu conversava com o Edson sobre os dois únicos assuntos em que depositamos nossas afinidades: Fotografia e Corpos Macholísticos.

O Vine estava grudado na sala, assistindo o vídeo que eu havia gravado da última corrida de Fórmula 1, prova realizada em Mônaco. Coitado, ele ainda acredita e aposta todas as fichas na Toyota. Eu sou McLaren, eternamente.

Quando a campainha soou, eu não esperava receber mais ninguém. Imaginei que Vine, Edson e eu jantaríamos e depois jogaríamos Q. I. pelo resto da noite. A rotina de sempre. Uma sexta-feira como todas as outras.

Eu achava que o pacato ritual seria mantido.

A primeira reação ao ver você foi sentir um rápido calafrio percorrendo todas as partes do meu ser indefeso. O Edson cuidou das apresentações iniciais e quebrou nossa timidez. Foi ótimo sentir o aperto da sua mão desconfiada; um toque macio e ao mesmo tempo seguro. Confesso que fiquei maravilhado, galgando êxtases. Meu olhar viajava pela extensão dos seus braços cafuços. Viajei na mata cor de palha destacando-se na sua pele acabrunhada.

Fiquei encantado com seu rosto de traços marcantes. Adoro rostos quadrados. Uma tez rosada a emoldurar um par de olhos de um azul incrível que harmonizava perfeitamente com a boca sedutora, onde lábios generosos induziam-me de imediato ao desejo de beijos demorados, intensos, selvagens.

Naquele instante percebi que você não era “mais um” e, sim, que era alguém escalado para trilhar O Caminho ao meu lado; talvez para complementar a minha (nossa?) evolução pessoal.

Apresentações feitas, currículos expostos, a noite seguiu seu curso natural.

Conversas entre amigos, um desfile de piadas, muitos cigarros – que não gosto, mas tolero – e café, litros de café. Você não conhecia nosso jogo de Perguntas e Respostas. Foi a primeira coisa que tive o prazer de lhe ensinar.

Minha atenção, sempre que possível, era direcionada a você. O seu jeito de falar; os dentes artificiais incrivelmente brancos e bem alinhados tentando despontar no meio de um sorriso melindroso.

Notei que sua vida era simples, porém cheia de riquezas. Nos detalhes, pude sentir as experiências por você vividas, acumuladas.

Eu vi, como num filme, cada fragmento dos momentos felizes e também das situações tristes pelas quais você passou. Não me questione como isso acontece comigo. Simplesmente sinto tais coisas quando gosto de alguém. E naquele clique eu já gostava muito de você.

Edson e Vine armaram tudo muito bem. Devo confessar que o serviço foi de primeira. Trazer você para compartilhar aquele momento foi maravilhoso... nossa... foi surreal!

Eu precisava mesmo de uma centelha. Aceitei que a Providência resolvera me presentear com um raio luminoso a avivar meu desejo de nova (e necessária) companhia. Nove anos pode ser um tempo demasiado longo para andar de braços dados... e atados... com a Senhora Solidão.

Apesar da vaca da Carência muitas vezes rondar meu coração, deixando-me inseguro e pra lá de sensível, o sentimento que agora cultivo por você surgiu de uma maneira muito tranquila. Meu coração e minha libido desejaram-lhe como homem. Minha razão insistia em me convencer a investir em você; mostrar-lhe novos mundos, ou pelo menos, novas maneiras de ver o Mundo.

Sei que vivemos em esferas diferentes, apesar do pequeno elo que as une. Somos de geração diferente, formação diferente, verdades diferentes. Ao mesmo tempo, eu sei que de alguma maneira compartilhamos ideias, desejos e afinidades.

Enfim, enrolei pra caralho só pra dizer que somos Almas Companheiras.

Naquela noite, enquanto conversávamos, cada vez mais eu sentia um tremendo desejo de ser a pessoa ideal a possuir a correta chave para abrir seu coração, limpar a casa, deixar o sol entrar.

Eu queria ser o ourives a lapidar o diamante bruto e transformá-lo na mais preciosa das gemas. Ser o coreógrafo a presentear-lhe com passos divinos. Ver você cantando e dançando em palcos cheios de luz artificial e calor humano. Sentir o gosto do suor a escorrer pelo seu rosto. Escolher roupas de caimento perfeito para um corpo privilegiado; tecidos a abrilhantar-lhe o espírito irrequieto. Músculos que já

admiro, bailando em ritmos sensuais, encantando a plateia. Oh, ainda ouço sua voz grave e suave em meus ouvidos, contando sua intensa paixão pela dança de salão.

Droga! Choro enquanto digito, pois a recordação recente embaralha minhas emoções. Inspiro fundo. E continuo:

Ser o diretor a imortalizar-lhe no filme de uma existência; a dar-lhe uma oportunidade de revelar todos os outros “Hans” que imploram por permanecer no grande palco por bem mais que os datados quinze minutos.

Eu queria ser o homem a descobrir a totalidade dos seus mistérios e ajudá-lo a espantar a maioria dos demônios das muitas dúvidas que ainda atrapalham sua intimidade.

Sinto desejo de mostrar-lhe um mundo novo; abrir-lhe as portas de lugares e situações que talvez você não tivesse acesso.

Não estou divagando em pontos materiais. Falo de algo sublime. Sei que você está me compreendendo. Você me inspira e já me faz feliz... à sua maneira.

Tudo acontece muito rápido em nosso meio. Você sabe como rolam as rolas.

Posso afirmar que eu gostaria de ser o responsável a resgatar a beleza que há no seu interior, escondida em algum lugar do passado.

Você é um diamante bruto, preso a uma mina profunda, de onde a fraca luz emanada não consegue atingir a superfície... por enquanto.

Você sabe de tudo isso. Acredito que em outros tempos alguém já lhe confirmou a mesma verdade, mas você não deu a devida atenção, por causa da sua imaturidade.

Vejo em você um espantoso potencial para tantas realizações! É pena que toda esta energia esteja tão profundamente amarfanhada...

Perdoa-me... não consigo segurar a segunda lágrima.

Mas saiba que a transformação que lhe ofereço terá um custo. Pois ninguém no mundo deve trabalhar sem receber o justo, seja como for.

Claro que eu tenho meu preço, o qual tento expor com estas palavras; palavras que espocam em meu coração, loucas e desalinhas, pulsando de um lado para o outro.

O que escrevo quer sair da tela o mais rápido possível. *Times Romanas* que exigem permanecer impressas no sulfite branco. Será um documento-verdade.

O meu pagamento? É receber um abraço apertado, demorado, como aquele que ganhei quando você foi embora naquela madrugada. Eu só queria sentir a essência do seu corpo por novos longos minutos.

Agora faça uma pausa.

Ouçó a sinfonia dos pássaros no pequeno e bem cuidado jardim de casa, onde Gerânios e Jacintos exalam seus perfumes que acalmam minha ansiedade.

Vejo seu rosto no céu, pousado em uma pequena nuvem estriada que desliza para o Norte. Fecho os olhos e imagino nosso quarto, pintado em tons que lembram a terracota.

Você está comigo. Sua cabeça repousa em meu colo. Minha mão direita brinca nas laterais dos seus cabelos dourados, alternando carinhos ao tocar seu rosto branquelo, seu peito rochoso... enfim, no seu corpo todo.

Beijo seus lábios como se não houvesse amanhã. Nossas bocas descompassadas e a respiração ofegante ardendo em desejos não mais ocultos. Nossos olhos permanecem fechados, enquanto nossos corpos, de maneira sincronizada e natural, encontram a melhor posição para um contato mais profundo.

Acaricio suas belíssimas pernas, e pouco tempo depois posso sentir seu sexo pulsando, quente e orvalhado, gritando no centro da minha mão direita.

A boca, cheia de tesão, percorre lentamente suas partes baixas. Sinto você todo dentro dela, em movimentos que lhe turvam os sentidos.

Você descobre que é um novo homem dentro das entranhas de outro macho. A sua mente já não esconde nenhum segredo de mim-eu-mesmo. Realizo todas as suas fantasias, sem pudor.

Tabus são destroçados. Assassinao todos os medos com uma bela e precisa esporrada dupla, sincronizada, demorada.

Volto à realidade. Será que viajei em meus delírios de amor? Sinceramente, não importa. Se algum dia o que descrevi realmente acontecer, é porque nós dois assim o desejamos.

Será que fui muito apressado em expor meus sentimentos por você, poucos dias após o primeiro contato? Acredito que não, pois como você já deve saber depois de tudo o que conversamos na última sexta-feira, conquistarei sua amizade em primeiro lugar e sempre o respeitarei fraternalmente... acima de qualquer terceiro interesse.

Uma atitude bem diferente da tomada pela maioria das pessoas do nosso círculo incompleto, pois como você já aprendeu, eles acham que o sexo desenfreado deve acontecer antes da pincelada do amor, tomando proporções exageradas que acabam por encobrir o mais nobre dos sentimentos, sufocando-o.

Conquistar e ter você como um verdadeiro amigo é o que mais desejo aqui e agora. Essa é a ordem correta e natural das coisas.

Eu estarei ao seu lado nos momentos em que você sentir necessidade de um companheiro verdadeiro, fiel e real. Prefiro continuar sentindo a sua simples presença – que já me faz um bem incrível! – do que perder o contato com você de maneira equivocada, ignorante, prematura.

Apesar de o Amor ter várias facetas distintas – muitas delas às vezes incompreensíveis – saiba que de um modo carinhoso e especial eu declaro certo amor por você. E essa foi uma carta, uma simples carta, escrita por alguém que realmente lhe quer muito.

Preciso terminar, meu caro Hans, pois um turbilhão de lágrimas (De alegria? De esperança?) começam a invadir minhas retinas (de comportamentos) adolescentes, dificultando a digitação.

Estou tranquilo por ter colocado para fora o que sinto. Queria dizer pessoalmente tudo que escrevi, mas como você já percebeu, muitas vezes nos expressamos melhor através da verdade escrita.

Espero, sinceramente, que as palavras aqui contidas possam encher seu coração de alegria e de orgulho, da mesma maneira que é bom, para mim, descrever a minha atual realidade.

Admiro você...

SID

Segunda Carta

Acordei há poucos minutos.

Passei todo escarrapachado, alguns instantes a mais, relembrando a noite anterior. Puxa, nem sei de onde tirei forças para jogar a costumeira timidez para escanteio, fazendo com que eu tivesse a iniciativa de tocar-lhe pela primeira vez.

Conversávamos com tanta descontração, que minha mão esquerda não resistiu à tentação de acariciar sua estupenda coxa direita. Ao mesmo tempo em que sentia a textura do tecido, eu imaginava a textura da sua pele, dos seus pelos macios.

Céus! Que perfume era aquele?

Controlei meus impulsos, pois, se pudesse, eu teria lhe acariciado por inteiro.

O beijo que depusitei em sua face esquerda ainda está vivo na minha intimidade. O gosto cítrico da sua pele sedosa permanece em meus lábios.

Antes que eu saísse do carro, quando você me surpreendeu num abraço repentino, por segundos eternos pude sentir o cheiro. Cheiro de “Homem”.

Durante a troca daquele beijo tão inocente, sentir parte dos seus lábios nos meus foi algo que não era desse mundo! É uma pena que depois você foi embora. Eu sei que você precisava descansar e se preparar para um novo desafio.

Hospitais. Seringas. Sangue. Esperança.

Fecho os olhos. Inspiro profundamente. Seu olhar “por favor, me ajude!” está gravado no meu íntimo. E a luminescência do seu belo olhar azul trouxe para dentro de mim-eu-mesmo uma sensação que não consigo traduzir em palavras germânicas.

A sinceridade, simplicidade e a sua objetividade de ontem me impressionaram!

Como é bom ser real e autêntico com aqueles que gostamos.

Como não admirar (ainda mais) você depois do que conversamos ontem?

São tão poucos os que têm a compreensão e que sabem ouvir e respeitar as palavras e os sentimentos alheios.

Você me aceitou como seu amigo e me respeitou. Permitiu que eu me aproximasse. Sabia que eu estava tocando sua existência com carinho. Você respeitou minha ação, minha atração. Foi sincero e honesto comigo.

Sou paciente e mantereí a esperança de algum dia realmente conquistar você. Primeiro com o coração, depois com a afinidade de intensos atos físicos.

Sobre sua saúde... ai, ai, ai... eu já consegui captar muito além do que você permite transparecer.

Ah, meu querido e amado Hans, um dia você vai sentir e viver o amor! Não tenha medo, nem receios. Pois quando a hora chegar, ela será coroada com

satisfações e felicidades plenas. E as lembranças dessa data serão eternas, pode acreditar!

Hans, eu nunca farei sexo com você, como todos os outros rabos e bocas que passaram pela sua pica (palavras suas).

Nossos corpos unidos criarão o alicerce para um amor estável e equilibrado. Aqui mora toda a diferença. Com segurança, posso afirmar que amo seu corpo, seu sexo, sua boca e a sua alma alemã.

Eu não me apego ao Senhor Negativo. Aprendi a compreender e superar todo e qualquer tipo de problema em fração de minuto!

Hans, meu amigo, deixo as portas dos meus sentidos e do meu coração abertas, pois gosto muito, muito, muito de você.

Hoje não quero me demorar e nem me tornar *repepepetitivo*. Se fosse possível, eu ficaria aqui o dia todo digitando frases poéticas a você.

Saiba que ainda tenho muito a dizer.

SID

Terceira Carta

Ontem aconteceu algo muito curioso. Um objeto despertou doces lembranças que eu julgava esquecidas, praticamente enterradas com o Passado.

Eu estava no final do expediente, arrumando as gavetas do armário vermelho. Após sua agradável visita, me senti cheio de energia e coragem para por uma ordem definitiva nos cacarecos que estavam guardados há milênios naquele sarcófago pós-moderno.

Tirando papéis daqui, revistas dali e outras coisas acolá, encontrei uma caixa de madeira escura, onde eu costumava arquivar antigas correspondências pessoais e alguns documentos importantes referentes ao estúdio.

No meio do amontoado de papéis e envelopes amarelados devido à louca ação do tempo, encontrei outra caixa, essa mais delicada.

Em seu interior repousava uma delicada joia, presente de um grande amigo. Para que você possa compreender melhor o motivo de tanta alegria e espanto de minha parte quando encontrei o tal objeto, vou contar-lhe a história das “Asas douradas”:

Asas do Desejo

1996. Junho. É a época do ano mais importante para mim. Recebi um inesperado telefonema de um amigo que estava morando em Schwerin, onde prestava serviços no ramo da aviação comercial. Ele também é natural de Lovland. Fazia um século que não nos víamos. Ao telefone, Berger, meu amigo, disse que voltaria para a ilha nos próximos dias para ficar uns tempos com a mãe, que estava doente, e necessitava de sua companhia. Uma curiosidade: ele é filho único, assim como você e eu. Continuando, Berger prometeu que estaria presente na semana do meu aniversário e viria me visitar na minha data especial, caso a situação estivesse mais calma e estabilizada na casa materna. De antemão, marcamos um jantar para comemorar tanto nosso reencontro, quanto meu treze querido. Na noite especial, creio que meia hora antes de eu sair de casa, ele voltou a me ligar, cancelando o compromisso devido a compreensíveis imprevistos pessoais. Fiquei triste, é claro, mas entendi perfeitamente os motivos de sua ausência. Mesmo assim resolvi sair. Passei o treze de junho sozinho. Dias mais tarde,

Berger apareceu no estúdio sem avisar. Foi uma surpresa muito agradável. Dei instruções para que Dimi, meu assistente, finalizasse o trabalho restante. Então Berger e eu saímos para um passeio. Fomos ao Groove's. Bebemos muito e conversamos poucas trivialidades, recordando detalhes da nossa adolescência em comum no norte da ilha. Num momento de distração de minha parte, meu amigo aproveitou para tirar algo do bolso da indefectível e surrada jaqueta de couro preta. Realizando um verdadeiro ritual, ele depositou em minhas mãos uma belíssima caixa de fina madeira, revestida em couro negro, dessas onde se guardam peças de extremo bom gosto. "Abra", ele disse. Com a pequena caixa nas mãos, abri delicadamente o centro da beleza. Em seu interior, bem no meio de um veludo negro e macio, havia uma joia em formato de asas, toda em ouro, onde uma brilhante pedra azul coberta com finíssimas linhas brancas destacava-se ao centro. Maravilhado, admirei por alguns instantes aquele objeto de arte, sem entender muito bem qual poderia ser o real significado de tudo aquilo. Berger, que era piloto comercial na época, explicou-me que aquela peça incrível era oferecida aos jovens pilotos que iniciavam a carreira aérea. As asas douradas eram entregues àqueles que se destacavam em cursos avançados, quando conseguiam atingir um grau superior em suas patentes. Para cada grau conquistado, mais valiosa era a joia presenteada. "Este pedacinho de metal dourado", disse Berger, continuando as explicações, "tem um valor sentimental muito grande para mim. As asas possuem um significado místico muito profundo e bem fundamentado. Para nós, pilotos, elas acabam por se tornar uma espécie de... talismã protetor." Meu amigo loveano falava com dificuldade, inebriado pela real emoção. Seu olhar estava profundamente fixo em mim. "Somente grandes pilotos alcançam o Privilégio", ele disse, após um longo suspiro, girando as asas entre os dedos. "Pois, acredite ou não, desde o dia em que fiz por merecer este pequeno amuleto, minha vida sofreu uma série incrível de transformações positivas." Berger tomou o restante da sétima garrafa de cerveja. Levantou o braço esquerdo, sinalizando ao garçom, pedindo uma nova rodada.

Depois continuou seu monólogo sobre a simbologia, os segredos e os mistérios daquelas asas mágicas. Eu permaneci em silêncio, tonteado, absorvendo cada detalhe daquela palestra fascinante. Com o delicado objeto nas mãos, espetou-o com suavidade em minha camisa, tomando o cuidado de posicionar minhas novas asas na altura do coração. “Estas asas vão lhe proporcionar boas intuições”, ele disse, pronunciando cada palavra como se estivesse num ritual místico. Emoção reequilibrada, voltamos a conversar bobagens. Enquanto papeávamos e ríamos de tantas fofocas sobre enrustidos moradores locais, eu juro que podia sentir as vibrações daquelas penas douradas. Aprendi que a joia fora conquistada mediante muito sacrifício pessoal. Agora aquele pedacinho de metal dourado havia se tornado meu amuleto da boa sorte. Quando terminamos nosso jantar, Berger comentou que numa determinada ocasião – a qual ele não podia revelar detalhes –, ele havia feito a seguinte promessa: a de que passaria as asas para um grande amigo, se conseguisse realizar um desejo muito íntimo. O desejo fora realizado. E agora a promessa fora finalmente cumprida.

Foi por esse motivo que acabei ganhando as tais “asinhas douradas”. Por eu ser seu melhor amigo e também pela ocasião que ele sabia que era muito importante para mim. Prometi a ele que manteria a tradição.

Este foi um dos presentes mais bonitos e importantes que já recebi na vida. Um objeto material simples, porém de grande valor místico e pessoal.

Fato ou ilusão... pouco importa, pois enquanto eu o mantive comigo, todos os meus desejos foram plenamente realizados. E toda vez que eu grudava as asas em mim, este simples gesto me proporcionava um bem-estar enorme.

Agora eu passo adiante as minhas asas. Quando você usar esta joia em ocasiões especiais, saiba que existe alguém que está protegendo seu caminho e envolvendo você com o sentimento mais puro que pode unir duas pessoas.

Você tem minhas asas. Você pode voar novamente!

SID

Quarta Carta

Estou aqui, novamente diante da tela do meu Macintosh, tentando digitar o turbilhão de coisas que sinto. É uma pena que você não pôde ficar comigo nos últimos dias.

Passei as noites revendo alguns capítulos gravados de Will & Grace. E a cada toque da campainha, ou mesmo do telefone, pontadas de ansiedade perfuravam meu peito cabeludo. Eu imaginava você lá fora, encostado no Fordão, tiritando no portão.

Fecho os olhos enquanto digito. Estou sonhando.

Queria que você entrasse pela porta do nosso quarto, empapado em suor e chuva. Queria sentir seu olhar azul fulgurante a despir minha alma ingênua.

Eu sentado, digitando no computador e você em pé, ao meu lado. Queria abraçar suas coxas. Acariciá-las e ao mesmo tempo sentir suas mãos grossas e fortes e trêmulas massageando meus ombros, apertando-me de encontro ao seu espírito confuso.

A melodia romântica toca no computador-tangerina. É Alphaville, uma banda alemã, onde a música é cantada num inglês perfeito. O refrão me emociona. Traduzo porcamente algumas partes para você:

“Eu não preciso ser um poeta / Eu não preciso ser um herói / Tudo o que eu preciso fazer / É continuar amando você...”

E é isso, meu amado – e agora alado! – amigo. Espero que você apareça nos próximos dias. Espero que você leia minhas declarações. Eu queria dar o quarto longo abraço da próxima vez que estivermos juntos.

Será que devo ousar novamente?

SID

Quinta Carta

Dez horas da noite. Boooooommm diiiiaa!!

Você reparou que eu sempre dou “Bom dia!” para todo mundo, não importa o horário? É que, para mim-eu-mesmo, toda hora é ideal para um “bom dia” sincero. Eu sei que é pura bobagem, mas não consigo me expressar de outra maneira.

Edson e Vine estão na cozinha, preparando o jantar. Nessa sexta-feira aproveito o momento solitário para voltar a lhe escrever. Ao fundo, escolhi Queen a embalar minha inspiração, onde Freddie Mercury, com seu timbre único, profundo e maravilhoso, conta-nos uma bela história:

“Um amor que o tempo não pode destruir / Quem pode separar dois corações que realmente se amam?”

Acho que é isso o que diz um trecho da canção.

Hans, eu estive pensando um bocado. Você é uma pessoa aberta para o conhecimento. Você tem necessidade de viver coisas novas. Sei que hoje você se encontra num marasmo, num círculo vicioso que muitas vezes lhe sufoca a alma.

Quero dividir com você muito mais do que conhecimento. Quero dividir toda a minha existência. Quero passar horas a dialogar com você, daquele jeito só nosso, quando nossos corpos se esparramam sobre o tapete da sala, e de mãos dadas, olhando para um céu acima da universosfera, despejamos nossas angústias, verdades e medos e sandices na pequenez daquele ambiente social.

O diálogo franco é o primeiro degrau que nos leva à descoberta da Felicidade.

Tento ouvir e sanar suas dúvidas com serenidade. Sei que devo ensinar tantas coisas a você! Ser seu mestre e seu discípulo. Porém, não acredito que o Tempo será nosso cúmplice.

Quero aprender a dirigir um carro, tendo você como instrutor. E até aprender a dançar aquele seu passo de ganso doido, quando você interpreta sua música inacabada.

Sei que estes são detalhes que para você parecerão pequenas tchonguices. Mas são coisas que nunca ninguém me ensinou. Coisas banais que – pode acreditar! – significam muito para mim.

O contrário também é um fato. Quero restaurar digitalmente as fotos no estúdio e de vez em quando ver você ali, bem ao meu lado, mexendo com os computadores, com as câmeras ou outra parafernália digital, objetos que tanto lhe fascinam.

Devo educar você sobre a minha arte descartável.

Em casa, preciso proporcionar-lhe um mimo. Cuidar das suas coisas. Ser o assistente a lhe auxiliar no novo projeto de jardim, preparar a comida, assistir ao seu lado aquela montanha de filmes franceses, lavar o carro, passear com Isadora, nossa futura companheira... hummm... será que enfim decidimos por um São Bernardo?

(risos profundos... nervosos)

Mas, principalmente, preciso cuidar melhor da sua saúde. Não tenha receio de tentar esconder suas dores físicas e morais, pois sei muito mais do que suas palavras e atitudes foram capazes de se fazer entender.

Sinto que você está sofrendo e nisso também posso orientá-lo, pois ouço seu corpo clamando por (minha) ajuda. Você ainda questiona se essas são atitudes de uma Rosário submissa? Não, meu amigo. São atitudes do Amor. Faria tudo isso por amor a você. E com todo o prazer e dedicação deste mundo. Pois servir a você com respeito é um gesto de amor e não um ato de submissão.

Em nosso relacionamento, no dia a dia, desde que pontuado de equilíbrio – este é o segundo degrau para a Felicidade –, não me importo de ser sua “mulher”.

Eu sou assim mesmo: delicado, sensível, atencioso, romântico. Você é o meu oposto-complemento. Você sabe disso. Basta aceitar o inevitável.

Você ri do fato de eu dedicar certo tempo para cuidar de uma casa e dos afazeres ditos “femininos” com tanto afincio. “Você parece a minha avó!”, você bradou naquela quarta-feira, despencando em gargalhadas.

Suas atitudes bofistas estão enterradas há muitos ânus. Tudo evolui.

Nossa formação foi provinciana demais, mas acredito que já está na hora de alguém quebrar os Velhos Mandamentos.

Não tenho a mínima vocação para trocar o chuveiro, por exemplo, ou mexer numa instalação elétrica ou hidráulica. Essas “coisas de homem”... deixo para você.

(risos histéricos)

Eu sou Atitude e Sensibilidade. Você é Força e Praticidade.

Eu sei qual é o meu lugar nesta relação. Eu gosto das coisas simples, sem frescuras, sem rodeios, sem falsidades, sem hipocrisias. Tudo o que desejo é somente viver num lar confortável, manter nossos amigos, evoluir no trabalho, ajudar meu semelhante, ser feliz e permanecer em paz.

A vida é tão simples de ser vivida!

Hans, um dia eu disse a você que estaria até disposto a sacrificar parte dos meus desejos físicos só para permanecer ao seu lado, certo? Então aqui vai o final da explicação sobre este detalhe: Sei que, sexualmente falando, permanecemos muitas vezes em andares distintos.

Não quero, como determinados caras, forçá-lo a ser diferente, fazendo aquilo que talvez não esteja em sua natureza. Infelizmente, muitos gays ainda agem assim, tentando mudar à força seus parceiros, por puro egoísmo.

Não existem príncipes encantados. Todos já morreram de overdose.

Pois bem, afirmo pela nona vez que não vou forçá-lo a nada. E não pense que toda essa lenga-lenga utópica de uma vida melhor é somente para “ter uma cama” com você. Nada disso!

Abro meu coração, mostrando-lhe um Sid que poucos conhecem. Amo você de uma maneira sincera e correta. Viver um tempo ao seu lado seria para mim o máximo em alegrias que hoje posso vislumbrar.

Eu gostaria que você aceitasse a minha dedicação. Tudo o que faço contigo é porque EU quero. Quanto ao fato de você estar doente, eu não me importo nem um pouco com seus ataques patéticos de “vitimideis”.

Aliás, esse também é um dos motivos que me fizeram desejar ter um tempo só com você. Iniciar um mundo nosso, sem interferência externa. Você sabe de quem estou falando.

Eu gostaria que você me desse a oportunidade de compartilhar contigo a extensão do meu carinho, da minha atenção, das minhas experiências.

Abro mão até do sexo, caso seja esse um dos motivos do seu incômodo. Fisicamente, me contentaria só de sentir sua embriagada presença na combustão dos meus abraços protetores.

Ah, saiba que minhas afirmações não carregam nem um traço de hipocrisia.

E não me venha com aquela história de Rosário novamente!

(risos)

Tenho forças para superar os desejos da carne. Sufoco com serenidade meus prazeres para que você possa respirar, aliviado. Entendo sua paranoia e a totalidade dos seus medos... francamente infundados.

Se você aceitar viver comigo por um tempo, afirmo que você terá toda a liberdade de fazer o que quiser, pois jamais policiarei nenhum dos seus atos. Afinal de contas, amor possessivo e amor egoísta não fazem parte do meu exclusivo dicionário amoroso.

Ciúmes? Isso nem passa pela minha cabeça. Sou experiente e maduro o suficiente para ignorar por completo esse tipo de baixa sensação.

Desejo que você fique comigo por vontade própria, por amizade e por prazer, não de outra forma. Por quanto tempo você desejar e achar necessário. Ou por quanto tempo for permitido vivermos juntos.

Eu só quero ter alguém para recomeçar. E estar ao lado de alguém que amo, que confio plenamente e que admiro seria muito melhor, não é mesmo? Se for de nosso pleno acordo, só preciso passar uma fase da atual existência com você.

O futuro? Não sei. Nada posso afirmar. Sinto o Tempo rir da minha cara.

A única certeza que carrego dentro de mim-eu-mesmo é que vamos compartilhar uma rara centelha muito especial. Eu sei qual é o meu valor.

Tantas vezes já demonstrei o que sinto, não só com palavras impressas, mas sim com todos os meus atos diários. Atos de um homem verdadeiramente apaixonado por outro homem.

Se nesse tempo de convivência nós descobirmos todas as afinidades, prazeres e sentido para as coisas que nos propusermos a realizar em conjunto, então, para que se preocupar com o futuro?

E quando chegar a sua hora de partir (será que não partirei antes de você?), tudo que necessito é guardar no coração os momentos coroados de alegrias, realizações e harmonia que vivemos em boa e respeitosa união.

Que todos os problemas enfrentados em conjunto sejam plenamente aproveitados para enriquecer nossas experiências de vidas.

Devemos tirar da nossa dor as melhores lições. Lições que farão com que consigamos evoluir sempre à procura de algo melhor para o nosso íntimo.

Conviver faz parte da evolução e evoluir é um caminho sem volta.

Novos desafios, novas vidas, novas pessoas, novos amores, novas metas. Assim atingiremos o estado pleno a que fomos destinados. O estado pleno da FELICIDADE!

Pense em tudo o que acabo de escrever. E me procure quando estiver preparado para o instante ideal. Isso é tudo o que tenho a lhe dizer. É tudo o que eu posso oferecer.

Estarei aqui, esperando você. Com extrema tranquilidade.

Agora cabe a você decidir o que é melhor para si mesmo.

SID

Sexta Carta

Bom dia! São quatro horas da tarde de um domingo muito agradável. Você acabou de sair. Ainda estou com seu cheiro em minhas mãos e suas palavras roucas passeando na minha mente atordoada.

A imagem do seu sorriso aberto e cativante continua gravada na retina. E o frescor do meu toque na sua pele fumegante permanece intacto em minhas sensações.

Ah, Hans, como eu gosto de você. Não pode imaginar o quanto. É por gostar tanto assim que acredito ter passado dos limites durante a tarde de hoje.

Quando a noite chegar, preciso ligar para o Vine. Bendita hora em que ele o arrastou para jogar F1 aqui em casa. Que belo pretexto!

Reparou como o nosso amado cabeça-de-cenoura foi embora rapidamente? Ainda mais ele, que é fanático por esse jogo? Vocês combinaram alguma coisa, tenho certeza disso!

(risos alucinados)

Não importa. Eu estava adorando ver você ali, jogando feito criança no Macintosh. Queria muito senti-lo mais próximo. Então comecei a tocar no seu corpo.

Amo tanto as suas pernas. Acho-as tão lindas. Acariciá-las era muito bom para mim; uma sensação realmente prazerosa.

Depois dos *pings*, *cracks*, *poings* e *tombs*, você se jogou, eufórico, sobre o sofá. E eu ali, literalmente, caído aos seus pés.

E mais uma vez voltei a tocá-lo. Como você não demonstrou nenhuma reação negativa, achei que eu não estava incomodando.

Eu me sentia tão bem, tão à vontade! Quando escrevi acima que “acredito ter passado dos limites”, é porque toquei no seu sexo. Eu precisava acariciá-lo. Acho que minha atitude incomodou você. Eu curtia o prazer de tocar no seu âmago. Nem pensei em cama, não era o que buscávamos naquela hora.

É claro que não sou nenhum hipócrita! É lógico que todo aquele clima estava me excitando. Sou sincero em afirmar que eu estava desfrutando o momento etéreo da carícia, da descoberta, do toque sem maldades de conveniência.

Você recordou que seus dias estavam contados, não é mesmo? Eu ouvi seus pensamentos... novamente.

Você foi embora e eu queria mais. Queria que você ficasse deitado ao meu lado e eu a acariciar seus fartos cabelos dourados até você entrar no mundo dos sonhos. Queria dormir com você e confirmar que nossos corpos ocupariam o mesmo lugar no espaço. Nada mais.

Estou tão apaixonado por você. Não sei se deveria digitar isso. Não quero que você se afaste de mim. Não quero que esse meu ato isolado lhe cause embaraço ou qualquer outro tipo de transtorno emocional.

Lembro-me que certa vez você me disse que se considerava um homem tremendamente tímido. Espero que a profundidade do meu toque traga conforto, novidade, *good vibrations*.

Sobre a crônica timidez, afaste-a por poucos segundos e me diga – de coração aberto – o que você sente, o que realmente passa pela sua consciência.

Entregue-me seu corpo, porque já possuo sua alma.

Esqueça o que os outros te fizeram. Eu não sou um caçador de gozos inúteis.

Peço desculpas se houve desrespeito de minha parte. O sinal não estava nítido. Não era minha intenção lhe magoar.

Mudando de assunto, mas mantendo o mesmo espírito, saiba que se for o caso, para o nosso próprio bem e para o bem do nosso excelente relacionamento... se minhas atitudes íntimas o incomodam, prefiro não agir mais dessa maneira. Cultivar sua amizade única é algo bem mais importante para mim.

Você foi embora. Eu saí para comprar doze garrafas.

Estou na última cerveja. Preciso dormir.

SID

Sétima Carta

Bom dia. Estou tão, tão, tão radiante!

Dois dias após nosso derradeiro contato íntimo, as imagens e sensações ainda permanecem cravadas em meu espírito jubiloso.

Bem no centro do meu coração ocorreu uma enorme explosão de felicidade. Ao mesmo tempo, não posso negar que há certa apreensão a batucar minha consciência.

Quando você chegou, tentei me controlar ao máximo. Só de perceber que naquele olhar anil eu já estava perdoado – eu sei, eu sei... muitas vezes a ansiedade me faz escrever bobças – a noite para mim já não poderia ser mais perfeita.

Sentir finalmente o sétimo abraço demorado e a essência do seu perfume italiano amadeirado, adocicado, intenso, alquimiado com seu cheiro natural. Oh Céus! Aquela mistura de sensações quase me enlouqueceu!

A sua tática para vencer a timidez foi puro clichê, porém perfeita para o aclamado instante. Foi inacreditável aquela história da “dor” nas costas.

Você sabe que sou um ótimo massagista. Você me viu tantas vezes cuidando dos pés do Edson, não é mesmo?

Sou grato aos Espíritos Superiores por possuir o dom de curar com as mãos. Mas... voltando ao planeta Terra... quando você implorou para que eu eliminasse seu desconforto... confesso que a fisgada da Senhora Tentação foi muito, muito, muito mais forte!

Durante a propositalmente demorada massagem, devo confessar que deixei de lado todos os meus dons espirituais. O desejo da Carne mancomunada com a Luxúria falou muito, muito, muito mais alto. Notei, ao primeiro toque, que não havia nada de errado com as suas costas, seu bobão.

Quando finalmente pude acariciar suas pernas nuas... eu estava no ponto exato de perder a razão do oitavo sentido!

Tocar seu corpo por completo me deixou desnorreado. Mesmo tentando me controlar, eu não conseguia parar de tremer. Sentir pela primeira vez aquela pele macia sem barreiras morais; sentir os pelos e a textura de suas coxas bailando em minhas mãos... oh, bendito calção azul!

Ao tocar na vibração do prazer, o fiz com todo amor deste mundo. Sentir o cheiro, a textura e a grandiosidade daquele membro rígido a golpear minha boca...

(suspiros)

Beije seu sexo com fervor. Vontade realizada. Mordisquei seu corpo com amor. Delírio confesso.

Porém, há uma coisa que não consigo entender: Por que você afirma não gostar do seu membro? Sinceramente... você deveria era se orgulhar do calibre que tem.

Apesar de não desprezar aquilo que carrego no meio das pernas – e que você soube manipular muito bem – eu ficaria muito contente de estar em pé de igualdade contigo, mesmo não utilizando meu *peepo* tão bem como você.

Certo limite de passividade faz boa parte da minha intimidade.

Na cama, tudo foi mais do que perfeito. Confesso que fiquei agradavelmente surpreendido ao fazer amor com você. A minha confiança foi tamanha... que permiti que você chegasse ao Nirvanah, explodindo enlouquecido dentro de mim-eu-mesmo, daquela amalucada maneira quase irresponsável.

Percebeu como você se sentiu muito bem após se entregar sem reservas?

Basta tomarmos as devidas providências. Não foi tão difícil assim, não é mesmo? Sua, digamos, “saúde” continuou intacta!

A falta de ar que você refletiu após o êxtase deveu-se a outros fatores.

Naquela noite, sou sincero em afirmar que eu não esperava que dividíssemos algo tão íntimo.

Também, pudera, foi tão, tão, tão bom! Você estava lindo e muito sensual. A luz âmbar que emanava do acobreado abajur indiano resguardava nosso ritual e nossos corpos com a luminosidade perfeita para o amor. Também amei a camisa azul, que destacava o (suspiros – parte II) bronzeado do seu peito liso.

Hoje é sábado. Estou num breve intervalo de minhas aulas, aqui no Centro Comunitário Nosso Lar, onde sou voluntário. Apesar de ser apaixonado pelo meu trabalho aqui, confesso que estou contando os minutos, louco para ficar com você no final da noite.

Daqui a pouco, após ministrar a aula de fotografia, visitarei minha mãe. Em seguida, quero dar uma passadinha na casa do Dimi.

Meu garotão está morando do outro lado da ilha, na praia de Gobsun. Casou-se com Frank, um engenheiro amigo do meu cunhado, o Klaus.

Sim, sim, sim. Ele é o cara daquela foto que eu lhe mostrei; aquela grudada atrás da porta vermelha, onde estou capotado no sofá após a trigésima loira e um ser oxigenado tenta pintar minha boca com um batom vermelho-hemorragia, enquanto Monika, minha querida irmãzinha, permanece ao fundo rindo feito uma hiena anoréxica.

Aquele ser é o Dimi, meu antigo assistente, antes de “virar” pint... *ops...* artista plástico!

(risos)

Pensa que eu não reparei que você ficou trincado de ciúmes, enquanto observava a imagem com um insosso desdém, afirmando que ele era um clone do Billy Idol isento de testosterona?

O casal mora no final da Rua Weiss, a duas quadras onde vive sua futura sogra (brincadeirinha!). Prometi dar uma espiada na última série de quadros que Dimi está finalizando. No próximo setembro ele vai expor suas obras pela primeira vez aqui na ilha, aproveitando a onda de argentinos endinheirados que frequentam as nossas feiras, bares e praias nessa época do ano. Pra variar, ainda não terminei de acertar as cores das fotos que vão ilustrar o catálogo da exposição.

Acredito que lá pelas oito e qualquer coisa estarei de volta. Dimi se comprometeu a me levar até em casa. Afirmo que é totalmente desnecessário o senhor sofrer por antecipação... só porque amo loiros transparentes.

Ha, ha, ha!!!

(risos nervosos)

Hans, fico torcendo para ver o tunado Fordão cor-de-chumbo parado em frente ao portão de casa. Quando isso acontece, meu coração dispara, trava e volta a galopar! É uma sensação boba e adolescente, mas real, palpável, trans... pirante!

Recordo os dias em que, ao chegar, eu o via encostado no capô do carro antigo, brincando com o molho de chaves; a calça jeans apertada revelando os contornos estonteantes da parte baixa do seu corpo e a jaqueta de couro a destacar o brilho do seu rosto sempre corado. Essa visão me conforta o espírito.

Sinto que agora você está chorando. A dor consome seu íntimo. Eu só estou tentando viver um momento que é especial para mim; o tempo presente, um dia de cada vez. Faça o mesmo por mim e por você. O Tempo continua rindo da nossa cara. Vamos esfregar a nossa felicidade na fuça dele.

Termino por aqui, pois preciso continuar as aulas. Meus alunos da segunda turma estão chegando. Digitar serviu para que eu pudesse soltar um pouco dessa energia que está acumulada aqui dentro, já que a ansiedade e a saudade espancam o lado esquerdo do meu peito coberto de pelos eriçados.

O sinal disparou. Agora minha atenção deve ser direcionada aos meus filhos postíços.

Hummm... (delírios *ON*) eu queria ter um filho seu (delírios *OFF*).

Cmd + P. A velha Epson depositará daqui alguns segundos em minhas mãos mais uma carta de amor que será entregue no momento certo.

Até mais, meu querido companheiro.

SID

Última Carta

A chuva parece abençoar nossa união.

Eu ainda estou tremendo. É muito difícil controlar o movimento involuntário das minhas mãos. Mas eu tenho que escrever – agora à mão! – a última carta.

Palavras não serão mais redigidas na solidão.

Eu sei que não preciso mais digitá-las.

Estou rindo e chorando, feito um adolescente diante da perda inevitável de todas as virgindades.

Você percebeu que eu nunca depus nenhuma das minhas cartas na agência postal da ilha? Quando a Senhora Coragem me estimulava, sempre entreguei cada uma em suas mãos... na maioria das vezes em que você vinha me visitar, quando finalmente conseguíamos um tempo só para nós dois.

Tudo aconteceu rápido demais. Agora sou eu quem ri do Tempo, o Mentecapto.

Ao atingimos uma meta em nossas vidas assim que realizarmos um sonho... tudo parece tão irreal! Por mais que eu tivesse idealizado esse momento uma centena de vezes; por mais que eu desejasse que este dia chegasse, nada se compara à situação real.

Ainda estou tremendo.

Oh, Hans, eu verdadeiramente amo você!

Faça uma pausa. É difícil escrever.

Meus olhos estão embaçados por causa da chuva de lágrimas... céus, como meu romantismo rabiscado é tão ridículo!

Você está na sala, acredito que lendo a Folha da Ilha de dois dias atrás. Ou deitado em nosso tapete, os olhos fechados, braços e pernas abertas em forma de estrela, ouvindo as gotas de chuva golpeando o teto de madeira.

E eu aqui no quarto, nosso quarto, tentando escrever uma carta. Coisa de louco ou uma rápida terapia para aliviar uma excitante tensão?

De tão nervoso, precisei inventar uma desculpa para subir até aqui para permanecer sozinho durante alguns minutos. Estamos tão perto, e ao mesmo tempo tão distantes um do outro.

Custo a acreditar que você está sentado no sofá, no nosso sofá (ou deitado no tapete fofo, sei lá, agora pouco importa) somente esperando por uma resposta minha.

Justo eu que tanto esperei por suas respostas!

Inspiro profundamente. Tomo coragem. E agora finalizo.

Esta será – definitivamente! – a última carta. Pois agora, após meu “sim, eu aceito!” perdido no seu olhar lázuli, sei que não vou mais escrever coisa alguma.

Alguém na minha cachola implora para que eu deixe tudo registrado aqui, agora. Talvez, um dia, permitiremos a leitura dessas cartas por anônimos esperançosos.

Talvez essa nossa experiência possa ser útil a alguém que se encontre na mesma situação. A vaca da Senhora Coragem sempre finca o pé depois que damos o primeiro passo.

Sei que vou ler essa carta depois que fizermos amor. E você poderá ouvir pela primeira vez a minha voz declamando as frases melosas que saem ininterruptas do meu espírito feliz.

Inspiro serenamente. Choro. A amiga Coragem está do meu lado, rindo feito uma louca. O tremor está diminuindo. Consigo novamente dominar minhas sensações. Solto o ar e recupero a posse dos sentidos.

(risos... últimas gargalhadas solitárias)

“Eu te amo e quero ficar contigo o resto do meu tempo”, foi o que você acabou de revelar, minutos atrás.

“Quero que você me aceite como sou e como estou. Prometo tentar, ainda não sei como, fazer você feliz”, foi assim que você terminou, puxando-me para os seus braços rústicos durante o derradeiro caloroso abraço sem jeito, sussurrando roucamente em meu ouvido esquerdo tudo aquilo que eu sonhava degustar.

Volto a sorrir, lembrando sua imagem recente proferindo as palavras mágicas. Você, todo molhado devido à chuva. Purificado, é assim que prefiro interpretar.

Sim, meu amado Hans. Sim, sim, sim... eu quero você comigo agora e em todas as existências vindouras. Aceito você da maneira que você é e está.

Chega de escrever, pois precisamos preparar o nosso refúgio. Suas bolsas de viagem estão umedecidas, assim como meus olhos que agora tento enxugar com as costas das minhas mãos felpudas. Vamos deixá-las ventilando na cozinha. As malas... e o passado.

Vamos deitar nus, despídos do Ontem. Amanhã começaremos nova vida. A *nossa* vida. E o sol voltará a brilhar com máxima força, onde sua bênção envolverá nosso amor em seus seios luminosos.

O que vale é que você está aqui... esperando o meu “sim, eu aceito!”.

Você não pode mais ficar sozinho. Acabou o prazo de reclusão!

Olho para um céu imaginário, pois meu olhar castanho atravessa as gotas penduradas na janela. Verto lágrimas de inebriante alegria. Faço uma prece silenciosa de comovente agradecimento.

Agora tenho plena certeza de que as inefáveis lágrimas de Deus que espargem Vida sobre a janela realmente abençoam nossa união...

... em definitivo!

Curiosidades sobre “Hans”

“A DOR É AMANTE DA POESIA”

“Hans” foi o primeiro conto que escrevi na vida.

É uma história baseada numa experiência pessoal que durou coisa de uma semana, mas que marcou profundamente minha existência e, por tabela, acabou me incentivando a colocar na tela o sincero desejo de homenagear alguém que foi muito importante no meu caminhar.

O título original do conto era “Uma Carta para Hans”.

Nessa terceira edição, fora uma nova diagramação padronizada (que acompanha todos os meus livros digitais lançados na Amazon), não mudei praticamente nada e fiz questão de deixar “erros” no texto de propósito, como se fosse um documento-testemunha da minha primeira tentativa de ser um “escritor”.

A história foi criada e escrita numa tacada só, durante uma madrugada bem sem graça, só saudades.

O “muso” que me inspirou a compor a trama? Oh, não deu em nada (risos). Mas ele nem imagina o bem que me fez, ao ser o estopim a deflagrar minha criatividade.

Quando eu postei o conto pela primeira vez, fiquei impressionado com a receptividade das pessoas. Mesmo sendo uma história super “mela cueca”, cheia de clichês (e a vida não é um eterno clichê?), a empatia foi imediata junto a centenas de anônimos, mundo afora. E assim nasceu o desejo de me dedicar à criação de uma literatura gay diferenciada.

Oh, pensar que tudo começou num setembro de 2001.

O texto original foi postado em 2004. De um simples “desabafo”, acabei criando em quinze anos um total de 80 obras (e vem muito mais por aí!).

Hoje, sinto tremendo orgulho em saber que meus textos homopopulares emocionam as pessoas e que os mesmos são capazes de modificar muitas existências para melhor!

Obrigado “Hans”!

(bônus)

Meu Cunhado

Aproveitando os obrigatórios dias de descanso, passei a semana católica na casa materna. Pipocavam fervorosos festejos por toda a ilha, pois dezessete de setembro era o auge do feriado. Homenagem a São Crabedean, padroeiro de Lovland.

Eu estava na cozinha, nove da manhã, numa sexta-feira que prometia ser um dia bem agradável, preparando meu leite misturado com porções proibitivas de chocolate em pó, sem açúcar.

Meus restos pendiam de sono e de tristeza. Um ano de solidão. As lembranças tão palpáveis ainda machucavam minha alma. Era impossível aceitar que estávamos separados.

Minha irmã entrou como uma lufada espessa. Os cabelos curtos – agora ruivos – ainda molhados do tradicional banho “trinta minutos”, denunciavam sua angústia em resolver as últimas equações do universo.

Ela jogou as chaves da picape sobre a mesa, quase atingindo minha estimada caneca de ágata. Dirigiu-se até a pia da cozinha, servindo-se do café recém-coado à moda antiga. Com certo estardalhaço, puxou uma parte do banco de madeira. Sentou-se à mesa e começou a conversar comigo como se tivéssemos dormido em concha na noite passada.

“Já é o quinto dia antes do bendito feriado e o sujeito ainda está de cama. Pode uma coisa dessas?”, disse, quase aos gritos, minha delicada irmãzinha.

“Monika, em primeiro lugar: Bom dia!”, cortei a conversa, lembrando a distinta que não nos víamos há quase três meses.

“Ahh, desculpinha!”, ela levantou o corpo magérrimo do banco envernizado e beijou-me no alto da cabeça.

“Bom diaaaa, meu ‘solitário’ favorito!”

Mesmo não havendo maldade nas palavras, o cinismo de Monika conseguiu abrir ainda mais aquela ferida que custava a sarar.

“Por favor, Monie, não brinque com meus sentimentos. Eu sinto muito a falta dele.”

“Monika, minha filha, chegou cedo!”

Nossa mãe entrou na cozinha segurando um cesto de roupas úmidas. Queria aproveitar o sol forte daquela manhã. Ela depositou o cesto ao lado da pia de granito, beijou-me na boca com o tradicional “selinho” e trocou dois beijos rápidos com minha irmã, que retribuiu sem tocá-la.

“Mãe, Laars está na casa da Sofie desde quarta-feira!”, cacarejou Monika, eufórica, quase derrubando a xícara de café sobre a minha insignificância.

Ela limpou a boca com meu guardanapo e continuou sua revolta:

“Achei que meu ilustríssimo marido ia tirar o maldito gesso ontem à tarde. Só que o Dr. Müller me disse por telefone que ele deve ficar pelo menos mais uma semana com aquela coisa imaculadamente branca, dura, empinada... e não tô falando do *peepo* dele, viu irmãozinho!”

Ignorei a piada idiota. Minha mãe deu de ombros.

Laars é o meu sobrinho. Ele estava na casa de uma amiga de Monika que morava na Cidade Cinzenta, do outro lado da ponte.

“Você vai deixar seu marido sozinho nos próximos dois dias?”, questionou minha mãe, sem o mínimo de espanto pela atitude da filha. Nós conhecíamos o gênio de Monika. Resolvi permanecer calado.

“Ele é bem grandinho. Pode muito bem se virar sem mim”, ela respondeu, o egoísmo transpirando dos seus poros dilatados.

Levantou-se com rapidez, dirigindo-se ao lado da pia, enquanto depositava a xícara suja dentro da cuba inox, sem menção de lavá-la.

“Não vou deixar de passar o aniversário da minha melhor amiga, como faço todos os anos, por causa *daquele* gesso”, ela disse no melhor tom de voz estridente que sempre me irritava.

Monika pegou as chaves e a bolsa de plástico transparente, continuando a tagarelar:

“Sofie passou em casa para buscar Laars. Eu já deveria ter ido com ela, mas acreditei que meu encosto estaria ‘curado’ para irmos todos juntos logo no dia seguinte. Viajar como uma família normal, a senhora não acha?”

Minha exaltada irmã tilintou as chaves da Ford Ranger no ar, indicando que já estava de partida. Dona Erna apenas suspirou, já que nada podia fazer. Eu permaneci calado, explodindo nas entranhas, esperando com um resto de paciência o momento certo para agir.

Trocamos novos beijos. Monika conferiu algo no interior da bolsa extravagante. Minha mãe acompanhou a filha rebelde até a picape azul metálico, recém-adquirida.

Abatido, acabei de tomar meu leite, tentando encontrar um pouco de paz enquanto escutava o silêncio. Em seguida, lavei a xícara deixada por ela e também minha caneca de estimacão. Eu enxugava a pia quando minha mãe retornou com aquela face de desaprovacão pelos atos destrambelhados da filha.

“A senhora disse alguma coisa para ela?”, questionei-a, mesmo sabendo qual seria o veredito.

“Ela é uma garota decidida”, respondeu minha mãe, com tristeza no olhar.

“Eu sei, mas o problema é o egoísmo que ela carrega dentro de si. Klaus não está bem. Ele precisa de companhia. Não pode ficar sozinho!”, balbuciei sem olhar para ela, enquanto guardava minha caneca no vão do terceiro armário.

Dona Erna pegou seu cesto de roupas amaciadas. O sol a esperava, impaciente. Ela abriu a porta de vidro, saindo para o quintal gramado.

Fui para o antigo quarto, palco de intermináveis batalhas adolescentes travadas com minha única irmã. Peguei a velha toalha bordada com meu nome. Relaxei o corpo durante um segundo banho rápido.

Escovei os dentes. Simulei um sorriso cansado. Enxuto, coloquei uma bermuda cáqui e uma Lacoste azul, minha cor preferida. Calcei os tênis velhos de guerras, um deles furado na ponta do pé esquerdo. Porém, era um detalhe que pouco me importava, pois aqueles eram os tênis do meu amado. Foi o que sobrou de tudo. Eu calçava os viajantes sentindo como se o próprio Hans protegesse meus pés e guiasse os meus caminhos.

Eu sei que ele cuida de mim. Eu sinto sua presença.

Na garagem, apanhei minha bicicleta. Verifiquei o estado dos pneus e dos amortecedores dianteiros. Quando saímos ao sol, ela brilhava feito uma joia rara. Dou valor e cuidado muito bem das coisas que conquisto.

Passei pelo quintal, onde minha baixinha acabava de estender o último lençol. Minha mãe estava com alguns prendedores de madeira na boca. Estica, ajeita, prende um lado, depois o outro. Um vento preguiçoso produzia ondas difusas sobre o tecido de cor creme. Ela se agachou para pegar mais alguma coisa no cesto de vime, que já havia vivido dias melhores.

Aguardei com paciência mamãe alongar outro tecido no varal, uma de suas peças íntimas. Segurei o riso, mas não pude evitar uma ferina comparação, imaginando que a quantidade de pano utilizada naquela peça daria folgadoamente para produzir uma dúzia das calcinhas escandalosas que Monika costumava usar. Isso quando ela usava algo no lado oculto do seu Equador.

Minha mãe vivia como no século passado. Seu vestido era confeccionado pelas próprias mãos. O tecido, estampado com diminutas flores, comprado em lojas de liquidação, refletia seu permanente estado de espírito: sereno.

Monika adorava dizer que ela era uma mulher “fora de moda”. Mas nós não dávamos ouvidos aos comentários proferidos por ela. Monika vivia em uma dimensão muito além do que restou da família.

Apesar do gênio intragável da minha irmã na maioria das ocasiões, confesso que eu chegava a admirar sua postura decidida – muitas vezes radical! –, porém sem um

pingo de medo em arriscar. Uma cópia perfeita do nosso pai, pelo menos daquilo que ainda recordávamos de sua personalidade intrigante.

“Vou até a casa de Monika ver como está o meu cunhado”, abracei minha mãe por trás e beijei-a com suavidade no rosto marcado.

“Voltará para o almoço?”, suas feições, mais uma vez, demonstravam uma preocupação inexistente, desnecessária, retrocessa.

“Eu vou fazer aquela Torta de Brócolis que você tanto gosta!”.

Dona Erna tinha pavor de que seus filhos ficassem sem alimentação. Eu compreendia seus temores. Passáramos fome numa época hoje sepultada de nossas existências. Era comum ela ligar com frequência para mim ou para Monika, a fim de saber se tínhamos comida em casa. Era um trauma que ela jamais conseguiu superar, depois que nosso pai a deixou há exatos vinte anos.

Alguns meses antes de Hans voltar para o real mundo invisível, seu estado de saúde era muito delicado. Minha mãe costumava ficar em casa durante o dia enquanto eu saía para trabalhar. Empanturrava meu amado com todo o tipo de comida. Fazia-lhe todas as vontades gastronômicas.

Ela não compreendia o motivo de Hans permanecer sempre tão magro e abatido. Mamãe achava que sua comida pudesse reanimá-lo. Ela o amava também. Fez de tudo para que meu marido se recuperasse o mais rápido possível.

Perdemos a batalha.

Perdemos a guerra.

Saímos fortalecidos da situação.

O que me conforta é saber que Hans foi cuidado e amado por suas duas “mulheres” até o último segundo.

Eu amava tanto o meu marido, meu amigo, meu companheiro!

“Não, mãe. Eu não volto para almoçar”, disse a ela, enquanto acariciava seus cabelos cor de cevada.

“Faço alguma coisa por lá mesmo. Seu filho é um ótimo cozinheiro. A senhora se esqueceu desse detalhe?”, tentei tranquilizá-la. Beijei-lhe as mãos e me afastei.

“Eu ligo para saber se vocês estão bem... e vou guardar um bom pedaço da torta para você comer no jantar. Tenho que fazer isso antes da sua tia chegar!”, a voz lacrimosa e a piada da saudade quase me fizeram desistir de visitar meu cunhado.

Eu conhecia aquela mulher. Mamãe odiava ficar sozinha. Não aceitava que os filhos haviam crescido e que cada um precisava trilhar seu próprio destino.

Montei na magrela e saí pelas ruas de areia em direção ao lado oeste da ilha.

* * *

A casa da família Glastwäuer situava-se numa colina com uma hipnotizante vista para o Atlântico, onde também se podia distinguir um pedacinho da estrutura metálica da majestosa ponte que ligava nossa ilha ao resto do mundo.

Desci da bicicleta e caminhei o restante do trajeto, empurrando minha companheira pela íngreme subida que dava acesso à entrada da moderna construção em concreto aparente, alumínio polido e janelas-golias, onde os vidros espelhavam a perfeição do suntuoso e extremamente bem cuidado jardim.

Notei o Cavalier do meu cunhado na garagem aberta. Monika não se dera ao trabalho de pelo menos fechar a porta semiautomática. Não custava girar uma chave e apertar um simples botão!

Repousei minha bicicleta ao lado do carro cor de chumbo. Ajustei os números da trava, liberando e passando a grossa corrente entre o aro de trás e uma argola fixada na parede – uma das ideias do meu amado Hans para proteger a bicicleta de Laars. Ele adorava tanto o meu sobrinho!

Fechei o cadeado e caminhei, embalado em assovios, até a entrada principal.

Mesmo possuindo uma cópia da chave da casa, não precisei utilizá-la, pois notei que a porta estava destrancada. Mais um detalhe esquecido pela minha querida irmã e sua pressa em curtir a companhia da amiga inseparável.

Depositei meu chaveiro no bolso lateral da bermuda. Viajei pela ampla sala. Ao passar pelo estúdio onde Klaus criava seus projetos de engenharia, um som cristalino emanava do Macintosh ligado às caixas JBL de formato futurista. *Secret Garden* harmonizava o ambiente.

Segui até o quarto do casal. Klaus lia uma edição antiga do *Welt*. Recostado na cama colossal, baixou o exemplar até a cintura e retirou os óculos de leitura, colocando-os sobre o delicado e custoso criado-mudo em tom marfim.

“Que agradável surpresa!”, a sinceridade estampada nas palavras ditas da boca miúda, num sorriso caloroso.

“Venha dar um abraço no seu *véio*”, ele abriu os braços fortes convidando-me a sentir suspirantes boas-vindas.

Sentei-me ao seu lado e trocamos o abraço. A essência do seu Hugo Boss misturado com a química natural do seu corpo trouxeram-me boas recordações.

Klaus era um homem robusto. Toda vez que eu o via, me lembrava dos cartazes típicos que estampavam imagens de lenhadores canadenses, que povoaram minha adolescência pré-sexual, afixados no mural da escola de inglês.

Lembro-me dos corpos volumosos dentro de calças *jeans* coladas aquelas coxas grossas. E aquelas camisas abertas, de estampa xadrez, onde o carpete negro ou

amarelo-tostado daqueles peitorais divinos misturava-se com a trama do tecido artesanal.

O rosto quadrado de linhas rígidas e sérias, onde um farto e bem cuidado cavanhaque completava o visual de Grande Urso, em nada denunciava o homem carinhoso que ele era. Quem não o conhecia geralmente se assustava com sua postura “arrogante”.

Era notório o charme da marca da barba cerrada que o obrigava a fazê-la dia sim, noutro também. O cavanhaque ruivo assumia um contraste marcante com a cicatriz delicada em forma de meia-lua no lado esquerdo do rosto, que lhe imprimia um ar personalíssimo, sensual e atraente. Os olhos acastanhados faziam harmonia impecável com os cabelos vinho, começando a rarear nas têmporas. O peito, coberto por um verdadeiro matagal, era um convite para o aconchego.

“Oi, Fofó. Como você está se sentindo?”, perguntei-lhe com sincera preocupação ao ver a perna esquerda engessada até a altura da virilha. O pé direito também estava em dedos arroxeados e calcanhar engessado. Tudo isso resultado de um acidente ocorrido há exatos doze dias.

Minha mãe havia me dito que a Honda, com o tanque amassado e outras peças bem danificadas, jazia na oficina do velho Handie, o melhor mecânico da ilha.

O abraço foi desfeito. Posicionei meu corpo encabulado bem longe dos gessos, temendo encostar sobre suas pernas e assim lhe provocar algum tipo de desconforto.

“O seu ‘fofo’ está bem. O pior já passou”, disse meu cunhado urso, abrindo um sorriso luminoso de satisfação ao ouvir o antigo apelido dito com tanta candura.

* * *

Conheci Klaus quinze dias antes do seu casamento com Monika, há cinco anos. Ela o levava para jantar em minha casa. Era a primeira vez que ele frequentava o lar de homossexuais assumidos.

Tirando a falta de intimidade inicial, Klaus ficara encantado com a demonstração de amor e carinho trocados entre Hans e eu.

Depois do jantar, enquanto eu e Monika cuidávamos da louça suja – eu lavando e enxugando tudo e ela falando sem parar, como sempre – Hans e Klaus ficaram na sala e se divertiam num maluco jogo de palavras ditas num dialeto alemão que só era falado pelos mais velhos.

Após a limpeza da cozinha, juntamo-nos a eles. Dois casais em perfeita harmonia. Aprovei o meu cunhado desde o primeiro segundo. Os opostos realmente se atraem, pois ele era o complemento ideal para minha irmã espevitada.

Klaus é um homem carinhoso, educado, dono de um senso de justiça e honestidade fora do comum. Nós três tornamo-nos amigos verdadeiros em questão de dias.

Meu cunhado trabalhava como engenheiro numa famosa construtora pra lá da ponte. Seu escritório ficava a duas quadras de distância do meu antigo estúdio de design gráfico.

Após o casamento, foram muitas as ocasiões em que Klaus deixava minha irmã na casa de mamãe e vinha buscar Hans para jogarem futebol de salão num clube não muito distante da nossa casa.

Às vezes, eu e Monika éramos obrigados a aguentar dois bêbados dançando e cantando músicas em alemão misturado com um incompreensível português, depois de uma suada vitória de seu time sobre os italianos, rivais pernas de pau. Crianças crescidas saboreando uma boba conquista. Maridos felizes. “Mulheres” realizadas.

Fofo, o apelido, foi sugerido por mim-eu-mesmo logo após uma brincadeira pessoal com um típico toque de sarcasmo bambeano. Klaus havia engordado muito logo nos primeiros meses de casado. E toda vez que rolava um encontro, eu o chamava cinicamente de “fofo”, no fundo sempre preocupado com o seu bem-estar.

Ele então passou a se cuidar. Frequentou academias após a orientação do Dr. Müller, o médico da nossa família. Também começou a praticar natação três vezes por semana. Mudou sua alimentação. E em pouco tempo ficou em forma, muito mais bonito e atlético do que quando nos conhecêramos.

Quando Hans partiu, Klaus fora o único amigo heterossexual a abrandar minha dor com seu carinho e muita compreensão. Desde aquele momento passei a chamá-lo somente de “fofo”. Nunca mais o tratei pelo primeiro nome. Essa foi a minha maneira tosca de expressar o quanto sua presença fora importante para mim em um momento tão frágil da minha existência. Carinho em forma de apelido. Apelido em forma de gratidão.

* * *

“Sid, dê uma força aqui pro seu *fofo*. Preciso tomar um banho e um pouco de ar fresco”, disse Klaus, apoiando sua densa mão direita em meu ombro sempre desengonçado.

Meu rosto estampava uma expressão de pavor, pois eu tinha muito receio de tocá-lo. Acreditava que uma posição incômoda poderia lhe causar milhares de dores.

“Não tenha medo, pois você não vai quebrar mais nada dentro de mim”, uma gargalhada gostosa eclodiu na imensidão daquele quarto sofisticado.

Ajudei meu fofo a caminhar até o banheiro daquela suíte suntuosa demais para os meus princípios.

Klaus trajava uma camiseta branca com a estampa do filho Laars quando bebê. Lembro-me que a foto fora tirada por Hans durante um piquenique nas areias brancas de Gobsun, a mais perfeita praia da ilha, onde toda a família havia participado. Na parte de baixo do corpanzil ele usava um surrado calção de seda, na cor vinho com detalhes losangos em preto, que em nada combinava com seu estilo.

Já no banheiro, apoiado em mim de propósito, Klaus deu uma demorada mijada.

“Quer chacoalhar, por favor?”, ele me intimou, entre risos de desafio. A timidez impediu-me de olhar para o seu membro. Afundei uns vinte centímetros e corei de vergonha com sua “ordem”.

“Seu pango!”, sua mão limpa levantou meu rosto.

“Eu jamais perderia o respeito por você”, ganhei uma bitoca na testa.

Devolvi um sorriso tímido. Ajudei o Grande Urso a retirar a camisa branca. Joguei o pequeno Laars no cesto de roupas sujas.

Sentado no tampo da finíssima louça sanitária, retirei o calção medonho de Klaus, tomando o máximo de cuidado para não enroscá-lo em sua perna engessada. Mais uma vez desviei o olhar do sexo adormecido. Meu cunhado ria descaradamente daquela situação banal para ele, insólita pra mim-eu-mesmo.

“E como você espera que eu consiga me lavar sozinho com esse troço grudado na perna?”, Klaus apontou para um pequeno banco de madeira marítima que estava ao lado do cesto de roupas sujas. Em cima do banco havia um dorminhoco plástico amarelo. Idas e vindas, consegui banhá-lo com a água morna que jorrava com forte pressão do segundo chuveiro ultramoderno.

Enquanto eu me preocupava em não molhar o gesso, apesar de ambas as pernas estarem envoltas no plástico medonho, Klaus parecia se deliciar com a minha falta de jeito para administrar uma situação tão simples.

Minutos que pareceram horas foram gastos para a higiene completa. Klaus ria e cantava em alemão e se banhava em lesmanês. Eu ficava cada vez mais vermelho e introspectivo, já que o único macho que compartilhou um banho comigo em toda minha vida foi o meu marido Hans!

Ajudei-lhe a se enxugar. Deitado, nu sobre a cama, ainda rindo do meu estado escalafobético, buscando o ar e pigarreando a seguir, meu cunhado indicou-me onde estavam suas roupas limpas.

Abri as portas do guarda-roupa e encontrei as peças necessárias. Enquanto o auxiliava na colocação dos tecidos perfumados, foi impossível não lhe admirar o belo físico. O gesso branco contrastava violentamente com o mar de pelos

acobreados espalhados como uma pintura sobre seu corpo “puro músculos”. Via-se pouco da pele branca sob a espessa camada de fios do peito, costas, braços e um pedacinho da perna quase saudável, recoberta pela toalha umedecida.

“Puxa, como você é lindo!”, comentei, ruborizando de imediato.

“Sid, foi você quem me incentivou a ficar ‘bonito’ e a melhorar meu amor-próprio”, ele afirmou com simplicidade.

“Eu queria ficar bonito para a minha mulher. Eu queria me sentir bem no trabalho perante os meus amigos, clientes e subordinados”, continuou Klaus, apurando-se com dificuldade, procurando apoio em meu abraço.

Em passos cuidadosos, esquecendo os apoios de madeira, esticamos até o palácio das piscinas. Palmarosas, hortênsias, samambaias, orquídeas e uma infinidade de flores e plantas cultivadas com amor e dedicação por Monika contribuíam com um colorido exótico e perfumes inebriantes para o arejado espaço mais cobiçado da casa, planejado pelo marido.

Ouvíamos um Bem-te-vi entoando sua repetida melodia. Klaus foi acomodado numa espreguiçadeira de madeira branca. Apoiei suas costas com uma almofada em formato de coração – detalhes bregas da “moderna” Monika.

Quando me assegurei que ele estava confortável, sentei-me ao seu lado, esticando-me na cadeira que pertencia à minha irmã.

“Eu até compreendo que seria um transtorno você viajar desse jeito. Mas não me conformo da Monika tê-lo abandonado aqui, sozinho. Percebo sua dificuldade em respirar, os movimentos lentos, esse trambolho pesado nas...”, as palavras saíram como um lamento da minha alma.

“Sid, está tudo bem. Eu certamente saberia me virar na ausência dela”, sua voz, como sempre, tinha o poder de me confortar de imediato.

“Monika é assim mesmo. Tempestuosa. Radical. As coisas têm de ser como ela quer, do jeito que ela deseja e no momento que ela exige”.

Não havia mágoa em suas palavras; tudo era somente uma afirmação.

“Mas, Fofó, eu sei como ela é”, dei um longo suspiro.

“Custava ter um pouco mais de consideração por você?”, desabafei.

“Meu amado cunhado, você realmente é um cara fantástico”, ele disse olhando bem dentro dos meus olhos.

“Bem-aventurado aquele que lhe tomar como companheiro. Não existem mais rapazes tão doces como você”, ganhei um gostoso safanão no alto da cabeça.

Senti como se um Moisés sensual estivesse na minha frente durante uma pregação neoprotestante. Um riso curto e tímido eclodiu em meus lábios secos. Uma

lágrima surgiu e foi logo eliminada ao toque macio da mão truculenta do meu cunhado urso.

“Não fique assim. Sei o quanto você se preocupa com as pessoas. O que importa agora é que eu estou muito feliz por você me fazer companhia.”

Tentei agradecer o comentário, mas ele precisava finalizar os comprovantes:

“Prefiro mil vezes que Monika esteja bem ao lado da amiga e do filho, do que vê-la emburrada pelos cantos da casa. Amo sua irmã do jeito que ela é. Não quero que nada mude na forma que ela escolheu ser e viver. Não quero nada alterado no rumo da nossa relação.”

“Eu compreendo, Fofó. Eu só não gosto de ver as...”, Klaus segurou meu braço. Eu deveria parar com as lamentações e revoltas infundadas. Entendi o recado.

“Temos que aprender a conviver com as limitações das pessoas, meu doce Sid”, novamente ele puxou meu rosto para que eu pudesse olhar dentro da sua alma.

“Se nessa existência eu fosse gay e estivesse à procura de um companheiro, certamente você seria o carinha ideal para uma parceria feliz e completa”, a sua transparência atingia o meu coração.

“Só que os Céus resolveram colocar você em meu caminho para me mostrar que o amor fraternal que cultivamos entre nós é um dos mais puros sentimentos que um ser humano pode sentir pelo seu semelhante, não é mesmo?”

Fiz um sinal de positivo com a cabeça. Klaus sorriu, continuando sua explanação carinhosa:

“Eu invejei a sua relação com Hans desde o princípio. Eu jamais havia presenciado tamanha devoção entre um casal, não me importa de que sexo. Nunca imaginei que um homem pudesse amar outro homem como vocês se amavam.”

“Fofó, eu ainda amo aquele homem”, comecei a chorar.

“Eu vou amar Hans por toda vida!”, não consegui me conter.

“Eu sei disso, Sid”, seus dedos inchados voltaram a secar minhas lágrimas incessantes.

“Eu tive o privilégio de acompanhar tão linda manifestação de amor. Tento, a cada dia, transmitir tudo de bom que sinto pela minha mulher e pelo meu filho, espelhando-me naquilo que você viveu com seu amado. Pode acreditar em mim!”

Perdi as forças. As recordações intensas passavam como um filme technicolor na frente das minhas retinas dilaceradas. Hans caído no chão. Hans sem respirar. Hans sendo cremado. Choro incontável. Saudade-angústia que rasga a alma!

Klaus puxou-me para um reparador aconchego:

“Eu também gostava muito do Hans. Venha, meu menino, repouse sua cabeça aqui no seu *véio*.”

Fraco, levantei-me, arrastei meu móvel até formar uma tosca cama de casal e caí concreto ao lado do homem que devia me amparar com seu calor fraternal. Minha cabeça pousou entre seus braços monolíticos. Meu rosto foi colado no tecido macio da camiseta limpa. Eu podia sentir a incrível fofura dos fartos pelos abaixo do tecido. Klaus envolveu-me num comovente enlace:

“Deixe-me amá-lo à minha maneira”, sua mão abençoada acariciava meus cabelos delgados.

“Tudo o que eu posso lhe repassar, Sid, é o meu honesto carinho e o meu imenso respeito. Tento retribuir a sua presença e o seu amor incondicional por mim e minha família. Te amo como se você fosse meu irmãozinho de sangue. Aquele que eu nunca tive!”

Eu não encontrava forças para replicar. Eu precisava daquele afago. De me sentir protegido, amado, acolhido. Klaus apertou-me de encontro ao seu espírito reconciliador. Papai urso cuidando do seu filhote.

Um doce e rústico beijo foi depositado em minha fronte, na altura do terceiro olho:

“Fique comigo o resto do dia. Estamos sozinhos e necessitamos dessa troca de energias. Tente relaxar e recorde os momentos maravilhosos que você passou com Hans. Sinto que ele está pensando em você aqui e agora e anda louco de vontade de se conectar com essa sua alminha atribulada!”, senti as palavras sussurradas que iam direto para o meu coração, confortando-o da minha fragilidade em admitir o inevitável.

Abracei com determinação aquele urso divino. Aquela mão encorpada, porém suave, fez com que meus sentidos se desligassem por completo. Entre nós havia uma verdadeira troca de energias revitalizantes. A ausência dos seres amados era curada com o abraço cheio de um amor puro destilado e reciclado entre nós dois.

Um sentimento fantástico que todos deveriam gozar pelo menos uma vez na vida. Uma união entre homens que não permitia nenhuma chance para os ataques da Luxúria, nem para os baixos desejos carnis. Somente ampliávamos os anseios de cura da alma.

Minha irmã estava feliz ao lado da amiga e na companhia do meu pequeno sobrinho – amor na amizade; amor na maternidade. Minha mãe deveria ligar a qualquer momento, perguntando se havíamos ingerido algum alimento – amor materno que jamais aceita qualquer qualidade de sofrimento dos filhos.

Morfeu chegou embalado nas melodias celtas que ainda tocavam no computador do estúdio. Eu era abençoado com a oportunidade de degustar a essência de um amor autêntico.

As carícias do meu cunhado induziram-me ao sonho.
Permaneceríamos assim por tempo não definido.
Amando um ao outro. Do jeito que Ele nos ensinou!





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com · dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com · escritor@moasipriano.com**